



Directo à leitura
António Carlos Cortez

Livro para além da revolução: 1975 ou a escrita de Manuel de Queiroz

Publicado pela *The Poets and Dragons Society*, que tem no editor e poeta Dinis H. Machado uma inspiradora presença, este livro de Manuel de Queiroz não é um livro plácido, daqueles que um leitor saudoso dos tempos da revolução de Abril pode ler. Muito menos é um romance com prosa delicado, feita toda idealismos, pensada para agradar ao leitor médio-baixo que é o que existe em Portugal. Manuel de Queiroz, que publicou já na Caminho e foi prémio-revelação APE no início do deste século, é um autor discreto. Anda longe da festa, ou das festas literárias e dificilmente o encontraremos em festivais, excepção feita aos que, a convite de amigos, ou a propósito de temas que o movem (e como vem), pode aceitar, mas sempre com certa reserva, com certa escarvinha aceitação de poder ceder. Isso importa, pois que o narrador deste romance, *O Lado Negro do Vermelho*, cujos ecos de Stendhal não vão para além do irónico título, é assim: de certo modo escarvinho, de certo modo melancólico. Um jornalista – jovem, com certo idealismo revolucionário – que, em 1975 – em pleno “Verão Quente” tem à sua frente o mistério de saber quais as razões verdadeiras que levaram à morte do seu pai. Se tivéssemos de pensar numa linhagem de autores que influenciam Manuel de Queiroz, três, na literatura portuguesa, me parecem ter aqui alguma presença: Cardoso Pires, Vergílio Ferreira e certo Manuel da Fonseca.

Do primeiro a arte de montar uma narrativa quase policial. Não se trata, como por aí se vê, de uma narrativa que se deseja policial porque está na moda fazê-lo, mas antes porque ao protagonista deste romance a morte do pai (e Queiroz é exi-

mio na arte de descrever os gestos desta personagem revelando a sua psicologia, a lentidão de certas cenas domésticas é de quem leu com atenção Hemmingway, John dos Passos e Faulkner) se lhe oferecer como um enigma que só por via da catálise narrativa poderá ser compreendido pelo leitor. A questão não está exactamente na pergunta “Quem matou?”, mas antes nas razões da morte. Não revelarei, claro, o desfecho, pois que me parece que este romance, para além do mais, surpreende pelo inusitado da descoberta que o jovem jornalista fará sobre esse pai mítico, de legenda política. Domínio na arte dos diálogos, eis o que de Manuel da Fonseca podemos identificar em Manuel de Queiroz como possível herança e, sobremaneira, a forma como, aqui e ali, lembrando certa forma de pensar dum Vergílio Ferreira, o autor pára, suspende o ritmo do *telling* para fazer o leitor mergulhar nas tensões e contradições do protagonista.

As perguntas sucessivas sobre a mãe que oculta o mistério que se traduzirá numa espécie de queda na realidade dos actos e dos factos; a revelação de uma falha humana que acaba por trazer ao jornalista toda a imagem primitiva dessa mãe silenciosa e que, nunca por nunca, poderia ter dito a verdade de um crime moral; a questão da identidade do filho que nasce idealista e se torna, com o avançar da narrativa, um desiludido da revolução (mas sério-lo-á?), a tudo isto se soma o fundo político em que Queiroz – da geração que viveu Abril com toda a urgente liberdade que durante décadas foi subtraída por um regime amordaçado – faz evoluir as personagens, algumas delas ecos, decalques, adaptações de personalidades conhecidas daquele momento complexo,

esse Verão de 75.

Há, portanto, um interesse duplo neste livro: por um lado a trama romanesca. Detectivesca, quase. Por outro lado, a sólida narrativa dos sucessos político-sociais de um tempo que poucos saberão contar com a arte de Manuel Queiroz. A rapidez a que tudo mudava nesse conturbado período político, as cenas vivas de actores do maior relevo e que, da Fonte Luminosa aos Ralis participaram do fundo revolucionário do PREC, eis que neste romance empresta à ficção a lei da verosimilhança e sem a qual fazer literatura redundante em fantasia, e má. É que, afastando-se de certa moda internacionalista que mina de mau gosto e de irrealismo bacoco muito romance de hoje (com chagas que irão perdurar neste paupérrimo país de desleitura e de leitores mortos-vivos), Manuel de Queiroz faz uma pergunta essencial a quem hoje se diz autor de livros: como é que se pode fazer literatura se não se tem um pleno método que corresponde à ideia final a que se pretende fazer chegar a escrita? No caso do autor deste romance onde lemos cenas de hilariante tragicomédia (a cena em que o jornalista e uma sua amiga se vão eroticamente envolvendo no frutuoso caso político-amoroso e as hesitações do homem que embatem na lucidez dessa mulher emancipada), o tema político serve bem algo que Manuel Queiroz leu em Albert Camus e não esqueceu: o escritor verdadeiro é aquele que, perante os dados do seu tempo, deles se serve para testemunhar do seu próprio papel nisso a que chamamos História.

*Professor, poeta e crítico literário
Escreve sem aplicação do novo
Acordo Ortográfico.*

Women's Health

REVISTA BIMESTRAL



ASSINE A
WOMEN'S HEALTH
PAPEL+DIGITAL
POR APENAS ~~21,00€~~
14,90€/6 EDIÇÕES

LIGUE 219249999



A ASSINATURA INCLUI A VERSÃO IMPRESSA E A VERSÃO DIGITAL. VALORES COM IVA INCLUIDO. CAMPANHA VÁLIDA PARA PORTUGAL ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 2025. NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS EM VIGOR. VALOR DA ASSINATURA NÃO REEMBOLSÁVEL. PARA MAIS INFORMAÇÕES: ASSINATURAS.QUIOSQUEGM.PT | APOIOCLIENTE@NOTICIADIRECT.PT | 219249999 (DIAS ÚTEIS DAS 8H00 ÀS 18H00 - CHAMADA PARA A REDE FIXA NACIONAL).



WOMENSHEALTHPORTUGAL



@WOMENSHEALTHPORTUGAL

WOMENSHEALTH.PT